



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ

XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Salão UFRGS 2019
CONHECIMENTO FORMACAO INOVACAO

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	(Des)Mercantilização em comunidades periféricas: um estudo do protagonismo feminino nas práticas de desenvolvimento comunitário
Autor	NICOLE DE SOUZA WOJCICHOSKI
Orientador	DANIEL DA SILVA LACERDA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

Autora: Nicole de Souza Wojcichoski

Orientador: Daniel da Silva Lacerda

(Des)Mercantilização em comunidades periféricas: um estudo do protagonismo feminino nas práticas de desenvolvimento comunitário

Em uma sociedade capitalista, a organização da reprodução social da vida humana se dá majoritariamente por trocas mercantis. Polanyi (1944) argumenta que devido à natureza do trabalho, da terra e do dinheiro, que não são produzidas com a finalidade da troca, ao serem mercantilizadas trazem graves consequências sociais e ambientais. Estas “mercadorias fictícias” (POLANYI, 1944) são, entretanto, essenciais para a economia de mercado, gerando uma contradição evidente. Esta pesquisa analisa como o trabalho feminino se insere nessa contradição. As mulheres desempenham tradicionalmente um papel essencial na reprodução social do trabalho, através do cuidado familiar. Ao fazerem parte do mercado de trabalho, abandonam esse cuidado familiar para venderem sua força de trabalho, e ampliam ainda mais a mercantilização das atividades essenciais à reprodução da vida humana (FRASER, 2012). O motivo dessa mudança, segundo Fraser (2012), seria que mulheres viram no livre mercado uma oportunidade de emancipação das relações tradicionais de dominação patriarcal. A questão é até que ponto existe liberdade de escolhas para essas mulheres, e como elas lidam com essa possibilidade? Uma das alternativas de resistência ao mercado formal e às suas consequências são as práticas de desmercantilização, que resistem à falta de preocupação social gerada pelo individualismo, incentivando atitudes colaborativas (VAIL, 2010). Dentro destas práticas estão os Bancos Comunitários de Desenvolvimento, que fomentam trocas entre os moradores de comunidades periféricas através de moedas sociais válidas apenas naquele território. Como os dados que serão mostrados nesse trabalho revelam, essas iniciativas são lideradas por mulheres. Desta forma, a presente pesquisa visa compreender o que leva mulheres a assumirem o protagonismo de ações de resistência à mercantilização como os analisados aqui. Para tal, foram realizadas revisões bibliográficas e análise qualitativa de materiais coletados em 2015 em projeto realizado pelo NEGA – Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa da UFRGS, que consistem em dados sobre o que é produzido nos bairros onde os Bancos Comunitários de Desenvolvimento foram instituídos, o nível de renda das famílias e entrevistas com líderes comunitárias. Durante a análise das entrevistas observa-se que as mulheres atribuem diversas justificativas ao protagonismo feminino em atividades não-mercantis. Uma delas é a alegação de que os homens são mais ‘individualistas’ ou que toda a energia deles é voltada ao ‘sustento da família’. Em contrapartida, as mulheres afirmam buscar atividades mais ‘flexíveis’ para conciliar o trabalho com o cuidado da casa e dos filhos, demonstrando também uma preocupação com o futuro da comunidade por esse ser o espaço de crescimento destes filhos. Os resultados obtidos até o momento evidenciam que as mulheres não abandonam o cuidado familiar e comunitário quando desempenham atividades para aumento de sua renda, mas o alternam com atividades que visam o aumento de renda no mercado. Esse comportamento pode ser interpretado pelo que Polanyi (1944) chama de imersão social da economia.